

CORAÇÕES VALENTES: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DAS LUTAS DE MULHERES CAPIXABAS CONTRA AS VIOLÊNCIAS SIMBÓLICA, FÍSICA, SEXUAL E O MACHISMO QUE MATA

BRAVE HEARTS: HISTORICAL PERSPECTIVES OF THE STRUGGLES OF WOMEN IN ESPÍRITO SANTO AGAINST SYMBOLIC, PHYSICAL AND SEXUAL VIOLENCE AND THE MALE CHAUVINISM THAT KILLS

Déborah Nicchio Sathler¹

RESUMO: O presente artigo visa apresentar um diálogo entre a resistência e a persistência ao machismo, focalizado no estado do Espírito Santo, estado líder em feminicídio no Brasil em 2013. A história de cinco mulheres capixabas, sujeitos históricos legítimos, nos revela posicionamentos e práticas da construção social da masculinidade hegemônica na trajetória deste estado. Apresentamos percepções acerca das diversas violências sob a perspectiva do gênero e a discussão em torno de memórias femininas pertencentes às diversas classes e etnias. O debate acerca do heroísmo feminino, do empoderamento, do ser mulher numa cultura fortemente marcada pelo patriarcado e as amostras do paraíso aqui e agora com uma nova cultura da masculinidade, foram objetos de estudo deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Patriarcado; feminicídio; heroísmo feminino; relações de gênero; mulheres capixabas.

ABSTRACT: This paper aims to present a dialog between resistance and persistence against male chauvinism, focusing on the state of Espírito Santo, Brazil's leading state for femicide in 2013. The stories of five women from Espírito Santo, legitimate historical subjects, reveal the positions and practices of the social construct of hegemonic masculinity in the state's history. The article presents perceptions of the various forms of violence from a gender perspective and the discussion surrounding the memories of women belonging to different classes and ethnicities. The debate on female heroism, empowerment, womanhood in a culture strongly marked by patriarchy and the samples of paradise here and now with a new culture of masculinity, were the objects of study in this article.

KEYWORDS: Patriarchy; femicide; female heroism; gender relations; women from Espírito Santo.

1. INTRODUÇÃO

O campo social relativo ao gênero tem sido objeto de disputas nas últimas décadas. Dentro de uma

¹ Jornalista, Mestre em Humanidades, Vice-Presidente do Instituto Casa Lilás, dedica-se à pesquisa junto às comunidades tradicionais, na produção e execução de projetos de comunicação, arte e educação, oralista e escritora. Doutoranda na UFES. Possui três livros-pesquisas publicados. Recebeu o Prêmio de Economia Social Antonio Sergio em Portugal. Contato: deborahsathler@gmail.com

perspectiva histórica e localizada, enfatizar o conceito de gênero, já que este significa “a construção social e histórica dos sexos”, é enfatizar o caráter social – e ao mesmo tempo relacional– dos dois sexos. Assumindo esta posição de gênero como uma categoria útil para análise histórica como diz Joan Scott(1990), desejamos examinar aqui especificamente cinco histórias de mulheres capixabas apontadas neste artigo. A seleção deu-se por critérios de performances de gênero, etnográficos, sociais e caminha justamente no sentido de tentarmos entender até que ponto as experiências dos sujeitos históricos legítimos correspondem (ou não), a intencionalidade hegemônica masculina de se produzir uma cultura arraigada na supremacia do homem. A necessidade de inserirmos as mulheres enquanto protagonistas de processos históricos nos estudos e pesquisas possibilita o entendimento de questões do tempo presente com análise de cenários historiográficos, o que significa problematizar muitos dos elementos conceituais ligados ao gênero. E, neste sentido, penso que historicizar o gênero é imprescindível à própria análise social, onde o conceito de gênero torna-se uma categoria útil com sujeitos/atores visíveis, com corpo, com gênero, com cor e com classe. Este conceito surgiu entre as feministas “clássicas” norte-americanas a partir da década de 1970 para enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, através de uma leitura de raça e classe social.

De maneira que sejamos possíveis estruturar as análises históricas e sociais a partir das matrizes de memórias femininas de resistência, contemplando os conflitos que permearam e permeiam a dinâmica social, produzindo arranjos e desarrajos nas relações de gênero. E seus diálogos em ambos os tempos, o da história e o do tempo presente, marcados também pelos efeitos do patriarcado, do machismo, do androcentrismo e da misoginia. Uma leitura “de gênero” da história e da historiografia que dispomos, e interessada na observação da construção (implícita e explícita) dos gêneros, uma leitura capaz até mesmo de ler o silêncio, de perceber na omissão a questão, na sua negação e os apagamentos propositais da realidade. Realidade de mulheres que sofreram e sofrem com violências simbólicas, físicas e morais, com o preconceito não velado, com as agressões sexuais e mortes que insistem em persistir em níveis alarmantes. Dessa forma “o gênero torna-se implicado na concepção e construção do próprio poder”, e nas “definições normativas de gênero”, Scott(1990, p. 88). A história das mulheres do Espírito Santo traz à tona a herança do patriarcado, que enfrentamos até hoje, e que segundo Connell (1995, p.203), “é dado por uma estrutura histórica, não uma dicotomia intemporal de homens dominando as mulheres, e que sendo assim só poderá ser extinta por um processo histórico”.

Processo este, que perpassa por ações no presente e numa nova educação masculina, que aborda-se neste artigo. Propor um redesenho de uma cultura historiográfica que tradicionalmente ocupou de uma história protagonizada por homens e por seus valores sociais. Admitindo outros valores, símbolos, normas e representações do heroísmo feminino. Tornando assim, as mulheres, sujeitos históricos visíveis. Nos Estados Unidos, há algumas décadas o *Women's Studies* constitui uma área de pesquisa, assim como a *Histoire de Femmes* na França e na

Austrália com campos de estudos sólidos. As produções historiográficas mais recentes (que tem utilizado aportes de outras áreas como da antropologia, da sociologia, da psicologia e da literatura) trazem um material muito rico para decodificação de símbolos culturais e doutrinas normativas.

2. GÊNERO E HISTÓRIA DAS MULHERES CAPIXABAS: FORTES DIÁLOGOS CONCEITUAIS

Os anseios feministas capixabas foram permeados nestes mais de 450 anos, desde a morte do segundo donatário da capitania hereditária do Espírito Santo, e quando sua esposa, Luiza Grimaldi, passou a ser a primeira mulher a comandar uma capitania no Brasil. Luiza Grimaldi. Conseguiu governar por pouco tempo, é verdade, pois foi enxotada do estado pelo colonialismo machista, que não permitiu que ela governasse, e tão pouco aceitavam o fato dela não poder ter tido filhos homens, os “verdadeiros herdeiros das terras”.

Sofrera preconceito violento por ser mulher. Lyra(2014, p.153), reproduzindo o discurso hegemônico masculino, “que essa que se diz Capitoa se atenha às orações, às costuras e aos bordados”. Joan Scott cita Tomás de Aquino e Santo Agostinho que construíram a identidade sexual dos homens como dominação e a das mulheres como submissão, que embora admitindo que tanto o homem quanto a mulher tenha uma alma, imagem de Deus, reafirma os antigos valores ascéticos na base racionalista via Aristóteles e dá como fato natural a subordinação da mulher ao homem. Scott (1990, p. 92) fala sobre a oposição binária homem/mulher, “a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder, pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro”.A manutenção da ordem social prevê uma referência fixa e imutável ao significado da oposição binária, que se impõe como algo natural e, por vezes, divino. E mais de um século depois, a jovem Maria Ortiz, nascida na capitania do Espírito Santo e descendente de espanhóis, provavelmente a primeira heroína brasileira (negligenciada na história), protegeria a ilha de Vitória de invasores holandeses. O seu ato heroico em proteger sua comunidade fora retribuído com uma coroa de margaridas, o que não era comum entre as recompensas de guerras entre os homens. Possatti(2011, p.26), reafirma o heroísmo feminino, dizendo que, “Vitória nunca foi tomada por nenhum inimigo, desde a sua fundação, em 1551. Dizem que a cidade tem alma feminina”.

Não bastasse a violência moral do preconceito, em 1690 foi à vez da princesa africana da nação de Cabinda, Zacimba Gaba, lutar contra a hegemonia masculina, materializada em violências físicas e abusos sexuais dos senhores e capatazes, e liderar o movimento de libertação dos escravos, no porto de São Mateus. Já na era moderna, duas mulheres, que comandavam bordéis na ilha de Vitória, Maria Tomba Homem e Aurora Gorda, resistem através do uso da força, à sociedade capixaba dominada pela elite branca e masculina. A padroeira católica dos capixabas é uma santa, Nossa Senhora da Penha ou Virgem das Sete Alegrias, ou dos Prazeres. Estamos falando de um estado que cultua o Sagrado Feminino, e possui um dos templos religiosos mais antigos do

Brasil, o Convento da Penha.

Conta à lenda que por três vezes a santa fujona sumiu e reapareceu no pico do monte, entre duas palmeiras selvagens, onde foi construída sua ermida no alto de um penhasco, em Vila Velha, por volta de 1558. Assim, como o mito de Debora da bíblia, que sentava-se debaixo de duas palmeiras nas montanhas de Efraim, para aconselhar os israelitas, a santa milagrosa do monte capixaba, carrega a responsabilidade de aconselhar, resolver e operar milagres na terra. Não por coincidência, as cores da bandeira capixaba e da santa, são o azul/rosa, que reflete a codificação simbólica da oposição binária menino/menina, homem/mulher, cores cultuadas em nossa sociedade ocidental, desde a infância.

A bandeira do estado traz a frase “Trabalha e Confia”, uma espécie de conformismo social sublimado, se remetemos à religiosidade e até mesmo à construção social de gênero (constructo social). Sabemos que na sociedade, o trabalhar e o confiar, são adequados sexualmente, e isto não se dá através de consenso, e sim, através de disputas e conflitos. As cinco “vozes diferentes” que a pesquisa nos permitiu ouvir, nos revela a epistemologia da cultura machista, que possui raízes históricas na cultura do patriarcado, manifestado através do imperialismo europeu; na dizimação da cultura indigenista pela Igreja Católica onde os jesuítas corroboraram; no colonialismo escravista; na negação do heroísmo feminino como estratégia do agente dominador; e na falta de políticas que visam uma correção da visão masculina na sociedade pós-moderna.

3. A CULTURA DO PATRIARCADO NAS CAPITAIS DA “CAPITOA”

Quando falamos de um estado, que foi capitania hereditária, vila e província, é imprescindível que pensemos brevemente na constituição identitária do seu povo. Bauman (2005, p. 90), fala que, “a história moderna também foi (e ainda é) um esforço contínuo para afastar os limites do que pode ser mudado à vontade pelos seres humanos e “aperfeiçoado” para melhor se adequar às necessidades ou desejos destes”. O território capixaba, assim como todos no Brasil, foi colonizado por degredados, cristãos-novos e fidalgos portugueses. Os degredados são considerados como “gente de mau viver”, Pieroni, (2000, p. 35) cita que, “o rei D. João informado da morte de dois criminosos em Portugal, comentou que melhor teria sido perdoá-los e mandá-los aos lugares de além-mar, pois, sendo tão valentes, haveriam de fazer lá muito serviço a Deus e a Sua Alteza”. O primeiro donatário do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho, fixou-se em terras capixabas em 1535, combatendo os “ferozes indígenas” e fundando as vilas do Espírito Santo e de Nossa Senhora da Vitória. Ele veio de Portugal com Ana Vaz de Almada, a mulher que seria sua segunda esposa, abandonando sua primeira mulher e seus outros filhos em Portugal. O filho dele e de Ana, Vasco Fernandes Coutinho Filho, bastardo em Portugal, tinha recém-casado com a jovem nobre italiana Luiza de Grimaud ou Luiza Grimaldi. A família Fernandes era da região de Évora, o lugar do

medo, o vale das lágrimas, onde ficava localizado um dos tribunais da Inquisição da Igreja Católica. E é abordada por Lyra(2014, p. 27), “em Évora caçavam-se judeus, mouros, marranos, luteranos, blasfemos, bruxos, bigamos”. Ou refugiavam-se ou seriam perseguidos. Em 1561 o patriarca Vasco Fernandes Coutinho falece, e seu filho macho e agora “legítimo” em terras brasileiras, é quem assume a capitania do Espírito Santo. O segundo donatário e sua esposa Luiza Grimaldi, não tiveram filhos, o que sugeriu que ela fosse estéril e que ela fosse malvista pela sociedade.

As estéreis eram comparadas às mulas, animais infecundos. Eram humilhadas não só pela família, mas também pela comunidade que nelas enxergava criaturas entupidas corpos prisioneiros de forças demoníacas, já que sobre os maridos e amantes envolvidos com elas, jamais recaíam ironias, galhofas, suspeitas e recriminações. (LYRA, 2014, p. 108).

A Igreja, por seu lado, recomendava as estéreis o uso de sacramentos, visto como sendo uma grave evidência das reações de Satã. A norma da reprodução, continuou vigorando com as políticas natalistas, que insistiam na importância exclusiva das mulheres como funções maternas e reprodutivas. Em 1589 Vasco Fernandes Coutinho Filho falece, não deixando “herdeiros legítimos”. O contexto histórico reverteu e deslocou a construção hierárquica de uma natureza social, não natural, do poder hegemônico masculino. E de 1589 a 1592, a “terceira donatária” da Capitania do Espírito Santo foi então uma mulher, Luiza Grimaldi. Primeira e única mulher a comandar uma capitania hereditária no Brasil. O jesuíta José de Anchieta, canonizado em 2014, era aliado de Luiza, por suas benfeitorias à Igreja e a Companhia de Jesus. Durante a governança da “Capitão”, navios comandados pelo pirata inglês Thomas Cavendish tentaram invadir as terras do Espírito Santo, mas não obtiveram sucesso, pois os navios engavetaram na baía, fruto de uma estratégia comandada por Luiza Grimaldi. Só por ser mulher? O preconceito de gênero é uma mancha no olhar, uma mancha histórica e na história. Luiza Grimaldi enfrentou o machismo secular dos homens e da sociedade governada pelos homens, o androcentrismo tórrido, a misoginia desta sociedade e dos seus colonos, que não aceitavam o pensamento, tão pouco a liderança feminina e foi destituída, com o aval do rei da Espanha e de Portugal, Felipe II. O rei decidiu que uma mulher não tinha direito à mando, nem à posse e deveria ser destituída e foi substituída pelo primo do seu falecido sogro. Lyra(2014, p. 134, 135):

Essa Luiza. Essa Capitão. O que lhe falta? O que lhe falta é um marido que lhe aplique uma sova- uivava o coro excitado. - Uma mulher pensa mal- falou o presidente da Câmara. - Uma mulher não pensa. A ela bastam os adereços, os fichus e os colares de ouro atados a seu colo.

Luiza Grimaldi retornou para Évora, onde terminou seus dias em um mosteiro. E as mulheres capixabas, as muitas Luizas, continuam por batalhar espaços de poder na política. É só olharmos a representação no Congresso Nacional, dos 513 parlamentares que compõe a Câmara dos Deputados em 2015, apenas 51 são mulheres. Isto embora, as mulheres já sejam maioria da população brasileira - 51,5% do total, segundo dados do último Pnad – e

a presidenta do país ser uma mulher. As mulheres ocupam somente 10% no Congresso Nacional e a presidenta está longe de não sofrer preconceito de gênero.

4. A SALVADORA DA ILHA E A “BENDITA” COROA DE MARGARIDAS

A vila do Espírito Santo recebeu imigrantes europeus, brancos e árabes, entre eles espanhóis, suíços, alemães, italianos, libaneses, entre outros que receberam terras, e posteriormente fugiam das guerras, da fome e da peste. Destacando a linha entre a regra e a transgressão, Maria Ortiz, a primeira heroína capixaba (e brasileira), possuía 21 anos quando lutou pela libertação da ilha de Vitória (e de seu país) dos invasores holandeses, assim, como a camponesa analfabeta Joana D'Arc, a libertária francesa que morreu aos 19 anos em 1431, executada pelos borguinhões na luta pela libertação de seu país. Maria Ortiz era uma jovem de origem espanhola, nascida em 1603, na vila de Nossa Senhora da Vitória, filha de Carolina Darico e Juan Orty Y Ortiz, que possuíam uma taberna e chegaram à capitania numa das imigrações promovidas pela Coroa. A família residia na parte mais alta da cidade, na Ladeira do Pelourinho. Assim como a heroína francesa, Maria Ortiz cortara os cabelos curtos usava calças, Possatti(2011, p.12), registra a reação do patriarca com relação à feminilidade diferente, “o pai quando a viu feito um garoto, botou a mão na cabeça e correu atrás dela gritando que ia pegá-la”. Isso nos faz pensar como a categoria gênero é útil para compreendermos as transgressões às normas de comportamento impostas pela sociedade aos gêneros, considerando que não existe apenas uma mulher ou um homem, mas sim, diferentes construções simbólicas de papéis que são flexíveis e mutáveis ao longo do tempo.

Em 1625, a ilha de Vitória foi invadida por holandeses e uma mulher, Maria Ortiz, foi quem liderou a comunidade da parte alta da ilha (as mulheres em sua grande parte), a lutar contra homens fortemente armados, comandados pelo almirante Piet Pieterszoon Hein. A tropa foi atacada e surpreendida em frente ao sobrado da jovem Maria, que jogou água fervendo ladeira abaixo, e incitou os moradores, que se encontravam na parte mais alta à prosseguirem na luta, e a jogarem paus, brasas, dejetos e pedras de suas janelas. Maria Ortiz capturou uma peça da artilharia holandesa, e com um tição à mão pôs fogo e disparou contra os invasores. Os seus atos, as suas estratégias de guerra antecipada, enfraqueceram os holandeses, que pegos de surpresa e feridos, acabaram sendo derrotados. Assim como Debora, a primeira heroína da bíblia, não foi santificada por encorajar os israelitas para a guerra em Canaã, Maria Ortiz também não fora, por encorajar a luta contra os invasores holandeses, e por ter expulsado os invasores do Espírito Santo, Maria Ortiz foi agraciada com uma coroa de margaridas, posta sobre sua cabeça por seu pai em meio a uma sessão solene com discursos e aclamações dirigidas aos homens, o rei Felipe II e Deus. Na obra “Dominação Masculina”, Pierre Bourdieu parte do pressuposto de que a ordem do cosmos é masculina, inscrita nos corpos de ambos os sexos, não havendo possibilidade de escapar dela, porque ele se

evidencia na natureza biológica, mostrando-se como natural, quando, na realidade, é também uma construção social natural. Os planetas, o universo e Deus, são masculinos, é quase uma luta contra o universo inteiro que conspira a favor do masculino. De fato, Bourdieu descortina a complexidade da questão da dominação com uma meticulosidade admirável, por outro lado, surpreende quando desconsidera a participação das mulheres como agentes, no sentido de mostrar as interrupções, que são próprias do processo histórico. Segundo Scott(1990, p. 21), “A posição que emerge como dominante, é apesar de tudo, declarada a única possível.

A história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto de um consenso social e não de um conflito”. E se a heroína Maria Ortiz fosse um homem? Teria recebido títulos de terras, nomeações e cargos públicos? Butler (2010, p.153) pontua que a “diferença sexual, entretanto, não é, nunca, e simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas”. As questões de gênero como uma forma primeira de significar as relações de poder, e com posições normativas expressas de doutrinas religiosas, ditaram e ainda ditam regras de gênero. Mulher corajosa e destemida, que usou de força e da astúcia, a primeira heroína brasileira a lutar numa batalha, veio a falecer em 1646, em Vitória, também em maio, como Joana D’arc, a heroína francesa esquecida por quase cem anos pela história. E que assim como Maria Ortiz, lutou contra a ideologia hegemônica masculina. Joana D’arc enfrentou também o preconceito por ouvir vozes e por seus traços de masculinidades não compreendidas, assim como Maria Ortiz, lutou também contra o androcentrismo de Shakespeare que retratou-a como uma bruxa, a ridicularização imposta por Voltaire e a redenção com Jules Michelet. Maria Ortiz enfrentou seu pai e um exército de invasores. Joana D’arc só foi canonizada em 1920, quase cinco séculos depois de ter sido queimada viva em um auto de fé e contraditoriamente vira padroeira da França. Maria Ortiz dá nome a uma escadaria, ganhou nome de escola e de um bairro na capital capixaba. Mas está lá guardada na história. Que assim como Maria Ortiz, as mulheres continuam aguardando sair da posição de sujeitos históricos invisíveis, e espaços de legitimação e reconhecimento igualitário entre os gêneros, seja nas lutas das identidades nacional, sexual, de classe e etnia.

5. A PRINCESA AFRICANA QUE LUTOU CONTRA “O PAI DOS PODERES HEGEMÔNICOS”

O Espírito Santo foi habitado por negros que foram escravizados, oriundos de Cabinda, Angola, região da costa oeste da África. No norte do estado, a resistência negra foi liderada por uma mulher, Zacimba Gaba, em 1690, no porto de São Mateus. Zacimba lutou contra o imperialismo, que segundo Connell(1995, p.192), é o “pai dos poderes hegemônicos, desde a conquista colonial direta (raça) até o colonialismo econômico indireto”. A princesa africana não se conformava com as atrocidades e abusos cometidos contra mulheres e homens negros. Durante anos, Zacimba Gaba sofreu os mais humilhantes e infames castigos, sendo violentada física e

sexualmente, pelo fazendeiro e o capataz, depois de confessar ser princesa da nação de Cabinda. Não podemos deixar de correlacionar, a mancha na história da humanidade, que é a escravidão e o gênero. Scott(1990, p. 23), explica que “O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana”. Para Morin(2009. p.191), “o pensamento complexo permite avançar no mundo concreto e real dos fenômenos”. Desta forma, a complexidade indica que tudo se liga a tudo, em outras palavras, a perspectiva epistemológica do pensamento complexo defende o princípio de que a parte e o todo estão intimamente ligados e que o somatório das pequenas ações e das interações entre elas, podem produzir efeitos surpreendentes no todo. Se considerarmos o todo, como a escravidão, e o gênero (a mulher) como parte dela e de submissão e exploração como sujeito/objeto. Segundo Scott,(1990, p. 25), “A ligação entre os regimes autoritários e o controle das mulheres tem sido bem observadas mas não foi estudada a fundo”. Não só na escravidão, mas na Revolução Francesa, na política nazista na Alemanha ou do triunfo aiatolá Khomeiny no Irã.

Frequentemente, a ênfase colocada sobre o gênero não é explícita. Mas constitui uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e da desigualdade, faz parte da construção e consolidação do poder, e possui ligações explícitas com o gênero quando associados escravos, operários, com o gênero feminino (subordinados, fracos e sexualmente explorados). Sendo assim, Zacimba transcende, como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos. Uma das armas mais utilizada pelos escravos contra os senhores que lhes impunham castigos desumanos era o envenenamento. Zacimba Gaba envenenou o senhor da aldeia de São Matheus, o português José Trancoso, com “pó para amansar senhor”, feito da cabeça moída e torrada de cobra preguiçosa, temida pelo seu veneno mortal. A mulher como a lembrança viva dos mitos contraditórios judaico-cristão, que é a base da nossa civilização atual. O mito da serpente e de Eva, “o ser volúvel e permeável às tentações”; pairam sobre a princesa libertária. Scott(1990, p. 21), demonstra como o gênero é permeado de, “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas(frequentemente contraditórias)- Eva e Maria, como símbolo da mulher, por exemplo, na tradição cristão do Ocidente, mas também mitos da luz e da escuridão, da purificação e da poluição, da inocência e da corrupção”.

Com a morte do senhor, Zacimba liderou o movimento de libertação dos negros escravizados pelos senhores e traficantes de escravos, homens com lógicas imperialistas. Aguiar(2007, p. 19), “dentro de pequenas canoas, ela e seus guerreiros se aproximavam das embarcações, sempre à noite e tomavam-nas de assalto, dominando seus tripulantes e libertando os negros, que vinham principalmente de Angola”. A princesa fundou um quilombo no norte do Estado, e vale ressaltar que, o quilombo dos Palmares, em Alagoas, já havia sido destruído nesta época e muitos negros fugiram para o norte capixaba, trazidos pelas notícias da existência de outros quilombos. Durante uma década, Zacimba Gaba transformou o local em área segura, onde os negros podiam viver em liberdade. A princesa liderou seu povo contra as atrocidades a que eram submetidos. Aguiar(2007, p. 23)

destaca a morte da mulher que desafiou o imperialismo colonial, “Morreu na luta encarniçada, enfrentando o estanho com o seu facão, como deveria ser”. O quilombo “Zacimba Gaba” resiste no norte do Espírito Santo, em São Mateus, mas “sem o devido lugar na história” e com pouco proveito educacional e histórico, se pensarmos o simbolismo social, cultural e político que possui aquele lugar. Que as mulheres negras capixabas continuam a trabalhar espaços de debate numa sociedade racista, não velada, onde vigora o mito da falsa democracia racial. ”.

6. MARIA TOMBA HOMEM E AURORA GORDA, A INVERSÃO DA ORGEM HEGEMÔNICA MASCULINA

Maria Tomba Homem era uma negra capixaba, cafetina, tendo enfrentado com a sua força física, os aparelhos masculinos de poder do Estado (política e polícia) para manter o funcionamento do seu bordel, em meados de 1940, na Ilha do Príncipe, bairro do subúrbio da capital capixaba. Seu nome era em decorrência de sua fama de derrubar os homens e arruaceiros, levando-os ao chão, inclusive a força policial. Dez anos depois, nos anos 50, Aurora Gorda, branca, analfabeta e dona de um prostíbulo localizado em outro bairro do subúrbio, Caratoíra, que marcaria a história com seus fartos seios, lugar do corpo onde escondia um revólver. Aurora não confiava nos homens, nem nos da elite capixaba que circulavam pelo seu bordel e nem nos seus próprios seguranças. Aurora morreu sem conseguir realizar o seu maior sonho, adentrar na sociedade capixaba.

A prostituição de mulheres é envolta de tabus e preconceitos, na obra “Prostituição à Brasileira”, Meihy(2015), diz que na Idade Média e no século XIV a prostituição já era ligada à pestes, guerras, e que culminou nas “caça às bruxas”. A mulher passava a ser ao lado do judeu e do muçulmano, agente do mal. A palavra bordel surge na França, onde os cidadãos comuns- do povo- podiam se valer das prostitutas até com consentimento das esposas. A rejeição à prostituição vem com a chamada “crise do Renascimento”, pelas multiplicações das leis restritivas e pelo posicionamento da Igreja como flagelo social, gerador de problemas e de punições divinas. E que no Brasil a estruturação de uma sociedade de classes e a mestiçagem, fez com que a questão da prostituição se constituísse um elemento importante, deixando marcas projetadas em grupos considerados socialmente subalternos. Meihy(2015, p.30), fala que “o culto de Maria e a prática da misoginia estão intrinsecamente ligados”, e cita as obras de Boxer e Hespanha, que abordam as questões afeitas à sublimação dos desejos sexuais das mulheres, evidenciando o modelo da dignidade feminina prezada, a da castidade. Além do mito de Maria, a Grécia Antiga, “baseava-se na tradição mitológica que culpava a mulher instintivamente por curiosidade incomensurável, segundo a influência de Pandora, que incontinida, teria aberto a caixa dos males do mundo, soltando as desgraças”, Meihy(2015, p.23). E fala ainda como a Igreja corroborou na subjugação da mulher: “Vista como ser imperfeito e derivado da costela e Adão, a mulher deveria ser subjugada e passível de

mandos misóginos. Nesse sentido, aliás, São Tomás de Aquino legislava apregoando o equilíbrio social apoiado no poder masculino” (MEIHY, 2015, p.28, 29).

Na obra “Vidas Desperdiçadas”, Bauman(2004), trata dos excluídos da possibilidade de elevar seus níveis de educação e prosperidade. Do depósito que comportaria o excedente, ou melhor, o lixo desnecessário que precisa ser repellido, seja o lixo industrial e humano, das “pessoas residuais” numa sociedade de consumo (desejo de posse) e do descarte – outro paradoxo –. As duas mulheres, Maria e Aurora, tinham em comum, segredos de políticos e empresários que circularam nos bordéis, e traçaram suas histórias em meio às lutas, conflitos e o uso da agressividade como “arma” legítima contra seu principal algoz, o preconceito. Os bordéis eram utilizados como “ritos de passagem”, Meihy(2015, p.29) cita que era onde os jovens machos deveriam ter “a experiência e a ostentação da virilidade era sinal de poder”. Scott(1990, p.16) reitera que, “O princípio da masculinidade baseia-se na repressão necessária dos aspectos femininos- do potencial bissexual do sujeito- e introduz o conflito na oposição entre o masculino e feminino”. Portanto existe sempre um conflito entre a necessidade que o sujeito tem de uma aparência de totalidade, a relatividade de seu significado, e sua dependência em relação à repressão. Connell(1995, p. 189) diz que, “Demonstrando que o gênero é moldado e pode ser re (moldado), que é uma estrutura ampla e contraditória apontada por Freud, como a presença da feminilidade dentro da personalidade dos homens e vice e versa”.Numa tentativa de combater a hegemonia masculina, num dado momento, os posicionamentos de enfrentamento adotado por Maria Tomba Homem e Aurora Gorda, configura a rejeição às afirmações normativas de construção social, religiosa e política. E surge num desaponte a ideologia vitoriana, da mulher no lar. Essas mulheres não ligariam suas práticas à manutenção do papel “tradicional” das mulheres, pelo contrário, imprimiam um tom de guerra e de enfrentamento ao poder simbólico dos homens, o poder sobre os corpos. Elas tiveram que assumir traços construídos socialmente como sendo do gênero masculino, como a agressividade, o uso das armas, numa ordem pela sobrevivência, em uma terra onde o ser masculino é a lei e refere-se á dominar os corpos femininos (das prostitutas e não prostitutas). Elas inverteram a ordem social para se posicionarem nesta sociedade construída e remoldaram o gênero. Se a identidade subjetiva do gênero estabelece distribuições de poder, o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do poder em si. Elas explodiram a noção de fixidade abrindo a natureza do debate e da repressão, que nos leva a desconstruir essa aparente permanência eterna na representação da oposição binária dos gêneros.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero tem história, o feminino e o masculino se transformam histórica e socialmente, e precisam ser compreendidos. Connell (1995, p.188), debate a violência sexual como “uma ação competente; ela é, em geral,

propositada e tem como objetivo a manutenção da supremacia masculina”. A peleja da vida cotidiana das mulheres agredidas e assassinadas é um retrato da história de uma cultura, de um povo e de um país, e este processo não está concluído, ele é dinâmico. Tornar-se mulher e também homem, onde estes, longe de serem depositários passivos de uma cultura, integram-na de forma ativa e própria. Em que os sujeitos, individuais ou coletivos, se apresentem construindo-se no processo histórico e cultural, através de suas várias e intrincadas relações de classe, gênero e etnia raça.

Há reparação cultural de gênero, ou seguimos repetindo uma prática excludente? Segundo Professor Cirillo da UFES poucas mulheres ganharam presença no espaço público capixaba; entre elas, Dona Luiza Grimaldi que ao menos ganhou cara e corpo presentes na casa da Memória em Vila Velha; Dona Domingas segue como o único monumento à mulher negra no estado, uma das poucas mulheres representadas na materialidade da escultura pública. No mais, as representações femininas são esposas de colonos em grupos escultóricos no interior do estado (garantindo-lhes não o protagonismo, mas o companheirismo e subserviência do seu papel de esposa). Ou são ainda estereótipos ou alegorias em escadarias ou como musas por trás de homens de vulto...

Como reparar culturalmente esse lugar, a presença e o protagonismo feminino na identidade e na cultura capixaba? Para Cirillo parece temerário esse futuro, amarrado ainda em práticas que não mudaram muito desde os tempos da Fazenda Santa Clara, ou mesmo antes nos tempos de Dona Luiza com práticas culturais tradicionalmente femininas no nosso estado serem, por questões mercadológicas e disfarçadas de economia criativa, apagadas em seus fazeres tradicionalmente femininos, porque trazem em si as marcas do patriarcado das comunidades tradicionais negras que também formam nossa identidade cultural.

8. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Maciel. **Zacimba Gaba**. Belo Horizonte. Memorial. 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevistas a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

_____. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In LOURO, Guacira L.(org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.151-172.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ªed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.

CIRILLO, A. J. (2024). **Há reparação cultural de gênero, ou seguimos repetindo uma prática excludente?** . ES HOJE. Disponível em: [ES HOJE]<https://eshoje.com.br/colunistas/jose-cirillo/2024/03/ha-reparacao-cultural-de-genero-ou-seguimos-repetindo-uma-pratica-excludente/>

CONNELL. R. **Políticas da Masculinidade**. In. Educação & Realidade, n.20, v.2, 1995.

LAURO, Guacira. **Uma leitura da história da Educação sob a perspectiva de gênero**. In Proj História. São Paulo, 1994.

LYRA, Bernadette. **A Capitoa**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe B. e RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo. Editora Contexto, 2011.

_____. **Prostituição à brasileira: cinco histórias**. São Paulo. Editora Contexto, 2015.

MORIN. Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. UNESCO/ Cortez Editora, 2001.

_____. **Ciência com consciência**. São Paulo: Bertrand: Brasil, 2009.

PIERONI, Geraldo. **Vadios e ciganos, heréticos e bruxas: os degredados do Brasil colônia**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil. Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

POSSATI, Neusa. **História de uma Escadaria**. Nova Alexandria. 2012

SCOTT, Joan. **“Gênero: uma categoria útil para análise histórica”**. In. Educação e Realidade. Porto Alegre, Faced, UFRGS, 1990.